

O programa de rádio "Palavra do Presidente", que Fernando Henrique Cardoso acaba de inaugurar, tem aspectos inegavelmente positivos: é um meio eficaz de explicar melhor as reformas à população, o que o governo até agora não tem conseguido fazer satisfatoriamente, e é democraticamente facultativo para as emissoras, fugindo assim à regra que impera entre nós para pronunciamentos presidenciais. A primeira amostra indica, contudo, que o presidente e seus assessores deverão ainda percorrer um bom caminho, antes que o programa tenha os resultados que desejam.

Desde que o presidente Franklin Roosevelt lançou mão desse recurso, com suas "Conversas ao pé do fogo", quando os Estados Unidos atravessavam uma das piores crises de sua História, em plena Grande Depressão, nos anos 30, muitos outros líderes, em todo o mundo, têm apelado para programas de rádio semelhantes, com resultados que variam muito. O êxito em casos como esse, como mostra o exemplo de Roosevelt, depende essencialmente do talento e da sensibilidade tanto do líder como daqueles que o assessoram nessa tarefa.

Fernando Henrique é talvez o presidente mais bem preparado intelectualmente que já tivemos, mas isto, longe de ser uma garantia de êxito nessa empreitada, pode até mesmo atrapalhá-lo. É preciso, por exemplo, que ele se liberte do atavismo professoral, que tem marcado negativamente a maioria de suas tentativas de se comunicar com a massa heterogênea de nosso povo. Simplicidade e humildade são ingredientes indispensáveis para isso.

Que ele se recorde de que um dos maiores comunicadores pelo rádio e a televisão que já tivemos, Carlos Lacerda — como ele, um político também altamente intelectualizado —, teve a modéstia de aprender com

especialistas até mesmo impostação de voz, para fazer passar com maior facilidade suas mensagens. Esse é um esforço que vale a pena, se levarmos em conta que o apoio da população é fundamental para a aprovação das reformas estruturais encaminhadas pelo governo ao Congresso.

O caso da reforma da Previdência demonstra que o governo não conseguiu ainda explicar como devia as razões das mudanças que pretende introduzir no País. Embora ela garanta os direitos adquiridos, o PT e a CUT conseguiram criar mal-entendidos sobre esse ponto e mobilizar uma parcela dos aposentados e trabalhadores contra a reforma. Os próximos programas — de três minutos, às terças-feiras — nos quais o presidente promete explicar as reformas mostrarão se ele encontrou o tom certo.

A qualidade dos programas é importante também porque, como eles não são obrigatórios, as emissoras só os retransmitirão, se forem realmente interessantes. O caráter facultativo da "Palavra do Presidente" é, como dissemos, outro aspecto positivo desse programa, que não pode ser negligenciado. Essa foi uma decisão democrática, de acordo com a política de liberalização progressiva do setor de telecomunicações, adotada pelo atual governo.

Se a experiência for bem-sucedida, estaremos diante de um exemplo que poderá ser seguido no caso de outros programas, a começar pelo velho, indigesto e oneroso — para as emissoras — "Voz do Brasil", relíquia do getulismo. E — por que não? — também no caso do igualmente indigesto e oneroso horário eleitoral gratuito, tanto o que precede as eleições como aquele ocupado, por longos 60 minutos, pelos partidos, no rádio e na televisão, ao longo de todo o ano.